

O fio de Ariadne: tradutoras dos clássicos no Brasil

*Adriane da Silva Duarte*¹

Resumo: As primeiras traduções dos clássicos no Brasil datam dos tempos da Colônia, mas versões assinadas por mulheres só têm registro a partir da década de 30 do último século. Minha proposta é apresentar um levantamento, ainda que incipiente, dessa produção, de modo a fornecer um panorama das tradutoras brasileiras do grego e do latim, contribuindo, assim, para dar visibilidade a uma atividade muitas vezes relegada ao segundo plano. Vou me deter sobre as precursoras e sua condição de trabalho nas décadas de 1930 e 1940; as desbravadoras, primeira geração oriunda dos cursos universitários de Letras Clássicas nos anos 1950 e 1960; chegando às doutoras, que hoje se fazem cada vez mais presentes no mercado editorial. A ideia é lançar o fio de Ariadne para que seja possível nos orientarmos nos labirintos da desmemória, dando assim início a um projeto mais ambicioso, o de se escrever a história da tradução dos clássicos no Brasil.

Palavras-chave: Recepção dos Clássicos. História da Tradução. Tradutoras brasileiras. Literaturas Clássicas.

Em artigo intitulado “Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil” (DUARTE, 2016), eu apontava a necessidade de traçarmos um panorama das contribuições dos tradutores para recepção da cultura grega e latina no Brasil. As traduções, vale lembrar, constituem a porta de entrada para o universo clássico, uma vez que o estudo das línguas é cada vez mais restrito e limitado aos cursos universitários. No mesmo texto, anotava o quão pouco sabemos dos que se dedicaram a transpor os clássicos para a língua portuguesa, e nisso não há surpresa, uma vez que tanto a falta de memória de nosso país quanto a

1 Professora Titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo e bolsista de produtividade do CNPq. É autora de *O dono da voz e a voz do dono. A parábola na comédia de Aristófanes* (2000) e *Cenas de reconhecimento na poesia grega* (2012), além de capítulos de livro e artigos acadêmicos. É tradutora de Aristófanes e do romance grego antigo. Coordena o GP *Estudos sobre o Teatro Antigo*.

invisibilidade dessa categoria são amplamente reconhecidas. Segundo Lia Wyler (2003, p. 14), “apesar da presença maciça [na sociedade], o tradutor e seu trabalho permanecem ‘invisíveis’ aos olhos da maior parte da população do país”, que não lhe dá valor ou sequer o leva em consideração quando vai comprar livros originalmente escritos em idioma estrangeiro.

Se o quadro geral é o apresentado acima, o que esperar quando o objeto de investigação são as tradutoras dos clássicos greco-latinos? À invisibilidade do tradutor soma-se o descaso com que não raras vezes são contempladas por seus pares. A título de exemplo, até bem pouco tempo, as discussões sobre tradução eram dominadas por homens. A primeira edição do *Encontro Tradução dos Clássicos no Brasil*, evento importantíssimo sediado na Casa Guilherme de Almeida, em 2015, tinha 14 convidados, todos homens, o que causou protestos no meio acadêmico. Fui chamada de última hora, mas apenas para ler o texto de um dos convidados que, devido a um imprevisto, não pode comparecer. Essa situação era vista por todos ali com grande naturalidade, com a alegação que não havia quem convidar, já que mulheres não praticavam nem estudavam tradução literária. A partir dos Encontros seguintes, contudo, houve mudanças e a proporção de convidadas só fez aumentar, sendo duas em 2016, três em 2017, quatro em 2019, incluindo a conferência inicial, e, por fim, cinco (entre 18 participantes) em 2021. É uma representatividade conquistada, que muito contribui para conferir visibilidade às tradutoras e pesquisadoras na área, culminando na realização do evento *Mulheres que traduzem clássicos*, na Universidade Federal Fluminense, em 26 de outubro de 2022, que contou com a Casa Guilherme de Almeida como parceira.

Provocada a oferecer um panorama da atividade das tradutoras brasileiras do grego e do latim neste nosso país desmemoriado, começo por

afirmar que esse trabalho está em um estágio inicial e imperfeito,² uma vez que são grandes as dificuldades de quem nele se lance, a começar pela falta de registros consolidados acerca de nossas publicações (em geral, e não apenas, as das mulheres). Ainda assim, há alguns dos quais pude me valer e que foram de inestimável ajuda. Cito aqui os catálogos que Eduardo Tuffani (UFF) vem organizando tanto para o latim como para o grego (TUFFANI, 1996, 2016, 2018, 2023), integralmente disponibilizados e atualizados em seu site na internet e na página da academia.edu.³ Valiosa também foi a tese que Thais Fernandes (2017) apresentou para titular-se junto à Universidade Federal de Santa Catarina, *A literatura Latina no Brasil: uma história de traduções*. Trabalhos pontuais foram de grande valia, bem como as consultas ao *Dicionário de tradutores literários no Brasil*, um projeto da UFSC, ele mesmo um exemplo do quão difícil é levar adiante um projeto de historiar a tradução brasileira, já que desatualizado.⁴

Parti desses repositórios, procedendo a uma atualização e complementação que teve por base minhas memória e estantes, além do que pude buscar na internet. O resultado foi consolidado no *Catálogo das obras greco-latinas traduzidas por mulheres*, acrescido a esse artigo como anexo.⁵ Estou ciente de que, assim que ele vier à luz, surgirão também as correções e complementações, o que é esperável e desejável, uma vez que, venho afirmando sempre, uma tarefa dessas dimensões só pode ser bem-sucedida se fruto de trabalho coletivo e continuado. Mas é preciso começar, e o levantamento que aqui trago é uma boa base para trabalhos futuros, permitindo formar um quadro das mulheres que traduzem os clássicos no Brasil.

2 Na verdade, todo projeto de historiar, seja um evento, seja uma área de conhecimento, estará sempre fadado à incompletude, uma vez que o objeto não só é de difícil apreensão no todo como também, em muitos casos, como neste, continua a se expandir. Assim, deve-se buscar reunir o registro possível dadas as condições existentes, deixando-se em aberto para futuras suplementações.

3 Agradeço a Eduardo Tuffani por ter compartilhado suas mais recentes atualizações ao *Catálogo brasileiro de literatura grega*, ainda em fase de elaboração, mas que pode ser consultado em <https://independent.academia.edu/EduardoTuffaniMonteiro> e em <https://www.e-tuffani.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2023.

4 Disponível em <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.

5 Cf. Anexo I.

Antes de passar à exposição propriamente dita, devo adiantar os critérios que pautaram essa investigação. Considero tradutor(a) quem publicou tradução em livro, desconsiderando trabalhos inéditos, ainda que depositados em biblioteca, tese em banco de teses, ainda que aberta à consulta pública, traduções em periódicos acadêmicos – esse último demanda uma pesquisa específica e de grande monta, que não tenho condição de realizar no momento. Isso significa que, alargando o escopo, teremos uma base bem maior de dados do que a que ora apresento. Por textos clássicos, entendo os que foram originalmente escritos em grego e latim durante o que se convencionou designar Antiguidade Clássica (de VIII a.C. a V d.C.), ocasionando a exclusão de traduções de autores que escreveram nesses idiomas, mas que se encontram fora desse período.⁶

A pesquisa está restrita às tradutoras brasileiras natas ou estrangeiras radicadas no país, daí não estarem incluídas tradutoras portuguesas, mesmo que tenham sido editadas aqui, como é o caso de Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho, Maria Helena da Rocha Pereira, entre outras, que foram publicadas por casas locais como a Editora UnB e Martins Fontes, por exemplo.⁷ Com isso, fica implícito que não se trata também de historiar as traduções assinadas por mulheres em língua portuguesa, projeto cuja abrangência seria muito maior e que não estaria ao meu alcance por, entre outras coisas, demandar pesquisa nos demais países lusófonos. Integram a lista, contudo, estrangeiras que fizeram carreira no país, como é o caso da francesa Madre Maria da Eucaristia Daniellou. No Brasil, desde os anos 1930, ela lecionou grego e francês na Universidade Santa Úrsula (RJ)

6 Ficaram de fora, por exemplo, as traduções de Erasmo (*Elogio da Loucura*, São Paulo: Hedra, 2010; *Diálogo ciceroniano*, São Paulo: Editora da Unesp, 2013) e Calvino (*A instituição da religião cristã*, São Paulo: Editora da Unesp, 2009) de Elaine Sartorelli; e as de Averróis e Bergson, de Anna Lia A. A. Prado (Bergson, H. *O que Aristóteles pensou sobre o lugar*, Campinas: Editora da Unicamp, 2013; Averróis, *Comentário sobre a República*, com Rosalie Helena de Souza Pereira, São Paulo: Perspectiva, 2015; Averróis, *Comentário sobre a Ética Nicomaquéia, livro VI*, com Rosalie Helena de Souza Pereira, in: *A arte de governar: uma leitura aristotelizante da República*, São Paulo: Perspectiva, 2012; Averróis, *Exposição sobre a Substância do Orbe*, com Rosalie Helena de Souza Pereira, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006), entre outras.

7 Na checagem que fiz procurei identificar as tradutoras portuguesas, mas, dada a falta generalizada de informação, é possível que ainda conste alguma no catálogo final.

e, posteriormente, francês na Universidade de Caxias do Sul (RS), onde assumiu a direção em 1964, no período em que o diretor da Instituição foi detido pela Ditadura Militar (RODRIGUES, 2015, p. 91-92) – a religiosa retornou à França em 1968.

Quanto às traduções indiretas, mediadas por uma versão em língua moderna, resolvi anotá-las. Como observa Tuffani (2016, p. 26), “o volume de traduções indiretas é maior do que se indica” de uma forma geral, pois não é prática editorial apontar quando elas ocorrem. A princípio, a ideia era manter apenas as que foram feitas a partir do grego e do latim. No entanto, à medida que a pesquisa era feita, verificou-se que seria extremamente difícil determinar essa condição. Certamente há casos em que não pairam dúvidas, como o da tradução de *Dáfnis & Cloé*, por Denise Bottmann (LONGO, 1990)⁸, outros são incertos ou, pior ainda, suspeitos em vista das circunstâncias.⁹ Para não cometer injustiças, julguei melhor manter todas as referências a traduções de obras gregas ou latinas feitas por mulheres. Há ainda uma outra razão para fazê-lo. As primeiras traduções rastreadas de autoria feminina, datadas da década de 30 do século passado, são indiretas e, levando em conta que, então, as mulheres não tinham acesso à educação da mesma forma que os homens, achei importante registrá-las.

Há outra situação, ainda mais delicada, das traduções fraudulentas ou pirateadas, que se caracterizam por atribuir o trabalho de outro tradutor a uma *persona* fictícia, de modo a evitar pagar por ela. Há casos comprovados como o de *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates* e de *Apologia de Sócrates*, ambos de Xenofonte, por “Mirtes Coscodai”, para a Abril Cultural (*Sócrates*, 1999), que, segundo Tuffani (2016, p. 32), devem ser

8 A própria tradutora já declarou que sua tradução foi feita com base na versão francesa de Pierre Grimal, como consta da lista de sua produção, informada por ela mesma, na página do Academia.edu (<https://www.academia.edu/74334299/TRADUÇÕES>), embora a informação esteja omitida na ficha catalográfica da obra. Acesso em 10 out. 2023.

9 Há no mercado editoras cuja prática de publicar traduções indiretas, sem dar o devido crédito (e é disso que se trata aqui, pois uma tradução mediada por obra em outra língua cumpre um papel na disponibilização de um *corpus*), é conhecida e há, no levantamento que realizei, algumas tradutoras que traduzem regularmente de línguas modernas e apenas de forma excepcional do grego ou do latim, não tendo formação em letras clássicas.

atribuídas a Líbero Rangel de Andrade (mediada pela francesa de Eugène Talbot) e a Jaime Bruna, respectivamente. Por óbvio, casos assim, sempre que comprovados, foram excluídos do catálogo. No entanto, é possível que alguns tenham passado despercebidos, pois a investigação da fraude é trabalhosa e também não estava ao meu alcance.¹⁰

As tradutoras brasileiras dos clássicos gregos e latinos devem ser vistas em um contexto maior que é o das tradutoras brasileiras em espectro amplo. Embora esse tópico também seja pouco explorado em trabalhos acadêmicos, já há algum material que pode servir de parâmetro para a nossa pesquisa. Alencar (2017) inventariou a atividade de tradutoras brasileiras entre 1800 e 1999, encontrando um total de 225, sendo que 33 atuaram no século XIX e 192 no XX. Segundo a pesquisadora,

[...] a diferença considerável da quantidade de tradutoras entre os dois séculos permite a suposição de que poucas mulheres traduziram entre 1800 e 1900, entretanto, tal suposição pode ser equivocada, uma vez que, durante o período, para manter a discrição, as mulheres utilizavam pseudônimos masculinos, assinavam suas traduções com iniciais, siglas ou nem sequer as assinavam, tornando a tarefa de encontrá-las ainda mais difícil e, portanto, a discrepância dos dados se torna maior. (ALENCAR, 2017, p. 6)¹¹

De fato, exemplos não faltam dessa prática, que ainda hoje se verifica. Entre escritoras, Maria Firmina dos Reis, autora do romance *Úrsula* (1859), considerado por alguns historiadores como o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, assinou “uma maranhense”; Nair de

10 Usei dois meios para verificar a integridade das tradutoras referidas no catálogo: o “nada consta” da Denise Bottmann, que denunciou as fraudes em seu *blog* “Não gosto de plágio”; a pesquisa na internet, que, na maioria dos casos, resulta em um pequeno perfil, mas atesta a existência da profissional.

11 Há ainda um outro fator, lembrado por Tuffani (2016, p. 36), e que se aplica não só à produção feminina: “Está perdida boa parte do que se fez no Brasil no séc. XIX e início do XX”. O mesmo autor anota que, nesse período, “o volume de publicações sobre o latim foi muito superior ao do grego” (Tuffani, 2016, p. 36).

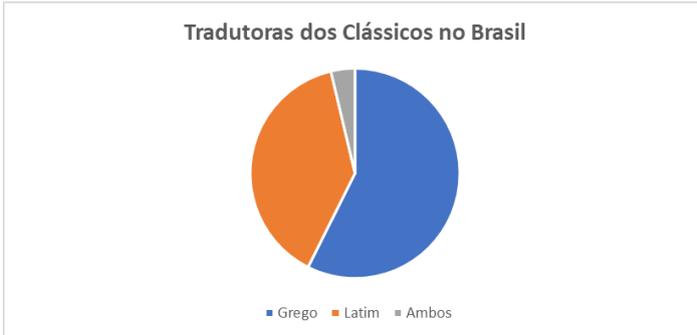
Tefé (1886-1981) apunha o anagrama Rian às caricaturas que publicava nos jornais; Carmem Dolores, nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910), usou diversos pseudônimos masculinos nas suas contribuições para jornais, como Júlio de Castro, Leonel Sampaio e Mário Vilar.

Em seu levantamento, Alencar não encontrou tradutoras de grego e/ou latim em atividade no século XIX, o que condiz com a nossa própria investigação, sendo as línguas mais traduzidas pelas mulheres, então, o francês e o inglês, que juntas representavam 2/3 do total. Já no século XX, registra-se 9% de “outros idiomas”, sem referência explícita às línguas clássicas. A década com maior volume de textos traduzidos por mulheres foi a de 1990, com 601 traduções publicadas, o que também se verifica no nosso caso, com a ressalva de que, como avançamos para o século XXI, constata-se um crescimento consistente com o passar do tempo. Com isso, conclui Alencar (2017, p. 9), a chamada “Idade de Ouro da Tradução” para as tradutoras do século citado, na verdade, não é a década de 1940 (44 publicações), mas a de 1990 – a década de 1940 viu crescerem os incentivos à imprensa nacional em vista da impossibilidade de importação de livros em virtude da Guerra e das necessidades de um sistema educacional em expansão.

Isso posto, passemos aos resultados de minha pesquisa. Foram encontradas 108 tradutoras num arco que vai de 1935 a 2022, sendo 62 do grego, 42 do latim e quatro que transitam entre o grego e o latim. Quando se restringe a coleta ao século XX, são 52 as tradutoras dos clássicos, frente ao total de 192 encontrado por Alencar (2017), o que faz supor que os registros dela estejam subdimensionados.¹² Outra constatação é que o número de tradutoras dos clássicos aumentou significativamente

12 A pesquisadora anotou a ocorrência de 9% de outros idiomas e 12% de não consta, contra 26% de francês, 25% de inglês, 11% de alemão, 10% de italiano e 7% de espanhol. Na melhor das hipóteses, seriam 38 tradutoras, contra 52 que encontrei.

nesse começo de século XXI, em que várias das já ativas anteriormente continuam produzindo – são 56 que iniciam a atividade a partir de 2001.



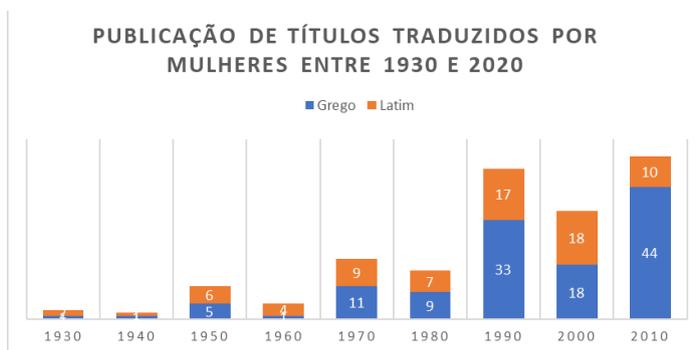
Tradutoras dos Clássicos no Brasil (62 de grego, 42 de latim, 4 de ambos: grego e latim)
Fonte: elaboração própria.

Percebe-se uma marcada especialização entre tradutoras do grego e do latim, que reflete a estrutura dos cursos de Letras no país, em que habilitações de grego e latim caminham de forma independente. Note-se, contudo, que há quem traduza ambos os idiomas, como Anna Lia A. A. Prado (USP) e Neyde Ramos Assis (PUC/SP), Dunia Marinho Silva, além das monjas beneditinas. Mas mesmo estas apresentam concentração em uma das línguas. O Anexo II traz a lista das tradutoras encontradas.

Nesse período, inferior a cem anos, vale notar, o pico da atividade feminina se localiza na 2ª década do XXI, com 54 títulos anotados, sendo 44 de grego e 10 de latim.¹³ Também merece destaque a década de 90, última do XX, com 50 registros, sendo 33 do grego e 17 do latim. Registrei apenas a primeira edição das obras, mas é de se destacar que algumas traduções são bastante reeditadas. Talvez o caso mais eloquente seja a tradução de As

13 Para não causar distorção, optei por excluir os anos de 2021 e 2022, que trazem 10 títulos publicados, 8 de grego e 2 de latim.

Nuvens, de Gilda Reale Starzynski (1967, 1977, 1985, 1996), mas também *Confissões*, de Agostinho, de Maria Luiza Amarante, e *Apologia de Sócrates*, de Maria Lacerda de Moura, que contam com várias reedições.



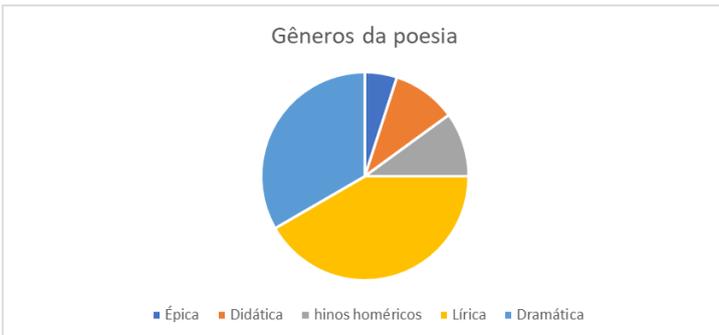
Atividade das Tradutoras dos Clássicos no Brasil
no séc. XX e início do XXI
Fonte: elaboração própria.

Dentre os gêneros mais presentes nas traduções realizadas por mulheres¹⁴, está a filosofia, com 40 entradas; a lírica vem a seguir, com 25 registros; e logo depois, o drama com 20 (sendo 11 tradutoras de tragédias e 9 de comédias, com raras superposições). Dentre os menos traduzidos, a épica e a oratória, com 3 entradas cada.¹⁵ Quando consideramos os idiomas traduzidos, as tradutoras do grego predominam em praticamente todos os gêneros, com exceção da épica e da história, em que há maior interesse das latinistas. Quanto à lírica (13/12) e ao romance (3/2), há quase um empate.

14 Esse cálculo leva em conta o número de tradutoras que empreenderam ao menos uma tradução nos gêneros referidos e não o volume total das publicações, uma vez que há tradutoras que se especializam em um gênero ou autor, traduzindo-os extensamente, o que poderia causar uma distorção. É o caso de Nair Assis de Oliveira, que traduziu 15 tratados de Agostinho, ou Maria Aparecida de Oliveira Silva, que verteu 9 ensaios de Plutarco, ou, ainda, das Monjas beneditinas, com as traduções da patrística.

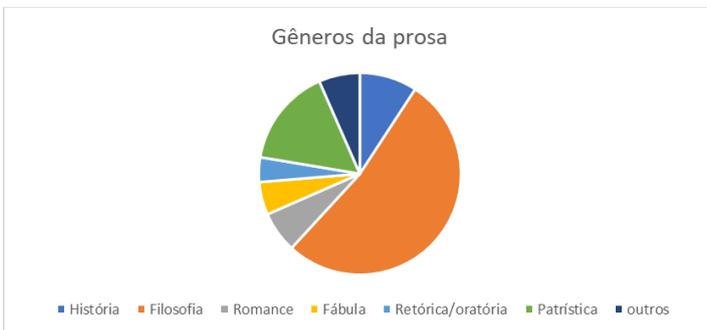
15 No caso da épica, vale observar que não é exclusividade brasileira o “desinteresse” das mulheres por traduzi-la. Só recentemente foram publicadas traduções assinadas por mulheres em língua inglesa, a da *Eneida*, por Sarah Ruden (2008), a da *Iliada*, por Caroline Alexander (2016) e a *Odisseia e Iliada*, por Emily Wilson (2017, 2023, respectivamente). É verdade que Anne Dacier traduziu ambos os poemas homéricos para o francês no século XVIII e que há traduções em italiano e turco, mas o ponto é que, proporcionalmente, são muito maiores as traduções dos poemas épicos por homens em toda a parte.

Os maiores desequilíbrios estão na poesia didática, em que são 5 helenistas para 1 latinista e no drama, em que são 14 para 6. Para além das escolhas pessoais, já que muitas traduções resultam de trabalhos acadêmicos, essa relação reflete a relevância que esses gêneros tinham em Grécia e Roma, bem como as demandas das editoras, pois há autores e obras de forte presença no mercado, como por exemplo, Platão, havendo diversas traduções de um mesmo Diálogo disponíveis nas livrarias.



Gêneros da Poesia (épica 3, didática 6, hinos homéricos 6, lírica 25, dramática 20)

Fonte: elaboração própria.



Gêneros da Prosa (história 7, filosofia 40, patrística 12, romance 5, fábula 4, oratória/retórica 3, outros 6)

Fonte: elaboração própria.

Logicamente, seria interessante confrontar esses dados com a produção masculina, mas tal tarefa foi inviável em vista do tempo disponível para preparação deste artigo. Tudo que posso afirmar é que, numa aferição superficial, a partir dos catálogos de Tuffani e Fernandes, o número de tradutores homens é muito maior que o de mulheres, sendo que os primeiros registros de traduções feitas por eles remontam o século XIX, propondo-se a independência do país como ponto de partida desse levantamento. Acredito que um segundo momento dessa pesquisa devesse fazer o balanço das traduções masculinas para que se possa fazer esse cotejo. Ainda assim, penso que esse registro nos dá uma ideia do que traduzem as mulheres.

Quem são essas mulheres? Para facilitar a apresentação, proponho três categorias sobre as quais me debruçar: as precursoras e sua condição de trabalho nas décadas de 1930 e 1940; as desbravadoras, primeira geração oriunda dos cursos universitários de Letras Clássicas nos anos 1950 e 1960; e, por fim, as doutoras, que já são fruto de um sistema de ensino consolidado e de uma política de pós-graduação que incentiva a tradução. Essas últimas são a maioria no mercado editorial.

A expansão dos cursos universitários é um componente importante para o surgimento de mulheres que traduzem. É de conhecimento geral que “antes da fundação dos primeiros cursos de Letras no Brasil, o ensino do grego fazia parte do currículo de seminários, escolas secundárias e cursos de Teologia e Filosofia” (Tuffani, 2023, p. 8), ambientes masculinos por excelência. É fácil perceber que, afora os conteúdos ministrados no ensino primário e ginásial, as mulheres tinham pouco contato com essas matérias. Assim, aquelas que denomino precursoras traduziram não a partir dos textos originais, mas de traduções francesas ou inglesas dessas obras. Segundo Tuffani (2016, p. 31):

Durante muito tempo no Brasil, o francês foi a segunda língua de estudo. Assim, os clássicos eram

lidos sobretudo em língua estrangeira. Com o declínio do francês como língua de erudição e com a crescente demanda editorial, os clássicos passaram a contar com traduções brasileiras muitas vezes feitas de outras versões estrangeiras. [...] Como em geral no Brasil tudo é muito singular, desde que se dê o crédito, a tradução de segunda mão é uma forma de pôr ao alcance do público um número maior de obras traduzidas. A partir dos anos 30 do século XX, o volume de traduções de autores gregos à disposição do leitor brasileiro foi aumentando consideravelmente com a publicação de versões antigas, brasileiras e sobretudo portuguesas, de traduções diretas dos textos originais e de versões com base em trabalhos de outras línguas modernas.

A primeira tradução que encontrei atribuída a uma mulher foi a de a *Arte de amar*, de Ovídio, por Corah O. Roland, pela editora Paulista em 1935. Pouco foi possível descobrir sobre ela, além de que foi ativa na década de trinta do século passado. No catálogo na Biblioteca Nacional, consta uma tradução de Oscar Wilde, *O crime de Lord Arthur Savile e o retrato de Mr. W. H.*, de 1932 e pela mesma editora, assinada por ela, e outra, sem data, *Chitra*, de R. Tagore. A edição de 30 de dezembro de 1936 de *O Correio da Manhã* anuncia uma promoção a seus leitores que, com quatro cupons e um valor em dinheiro, podiam adquirir um livro de uma extensa lista, na qual figura *Kismet*, de Corah O. Roland. Trata-se, provavelmente, da peça de Edward Knoblauch, que também assinava Knoblock, composta em 1911 e que fez grande sucesso em Londres e, logo em seguida, no cinema. Sobre o Ovídio, Gonçalves (2020, p. 33) anota:

Todavia, ainda na década de 1930, há a publicação isolada da tradução da *Arte de Amar* por Corah O. Roland (OVÍDIO, 1935) pela Paulista que, como se pode ler na contracapa do volume, integra uma coleção que abrange tanto títulos de caráter didático,

como *Introdução à pedagogia do piano* e *Manual de estatística*, quanto alguns títulos de apelo comercial como *O amor depravado dos homens célebres* e também alguns títulos clássicos como *Chitra* de R. Tagore e a própria *Arte de Amar*. Apenas após todos os elementos pré-textuais, incluindo um breve prólogo em que a tradutora informa a biografia de Ovídio, encontramos a seguinte advertência: “Esta tradução foi feita do original francez de Jean de Jauregui, edição ‘Le Livre du Bibliophile’, Paris” (OVÍDIO, 1935, p. XIV).

As traduções seguintes foram publicadas na Clássicos Athena,¹⁶ da Editora Athena, cujo fundador, Pasquale Petraccone (c.1895-1951), veio da Itália para o Brasil em 1926 para fugir do fascismo. Segundo Bottmann (2014, p. 33), ele foi “editor do jornal *Italia Libera*, integrante destacado da Liga Antifascista das colônias italianas no Brasil, de agitada biografia e intensa participação nos movimentos de esquerda no país, classificado nos arquivos do DOPS como trotskista”. A editora é fundada em 1935, no Rio, ostentando um catálogo humanista, que privilegiava obras clássicas, num sentido amplo. Com a prisão de Petraccone em 1939, há breve interrupção das atividades editoriais, retomadas posteriormente em São Paulo, para onde se transferiu para tentar driblar a perseguição varguista. Petraccone deu abrigo a muitos militantes políticos na editora, alguns dos quais publicaram sob pseudônimo obras que verteram na prisão – caso de Fúlvio Abramo e Aristides Lobo, que assinaram como Paulo M. de Oliveira e Blasio Demétrio a versão de *Vida nova* de Dante (1937, de acordo com BOTTMANN, 2014), por exemplo.

É nesse contexto que, em 1936, vem à luz a tradução da *Apologia de Sócrates*, de Platão, “com apêndice da tradutora sobre a filosofia socrática”, por Maria Lacerda de Moura (1887-1945). Professora, escritora, militante

16 Sobre a importância das coleções para a difusão de autores clássicos em tradução no país, cf. Gonçalves (2020).

feminista e anarquista, cujos escritos continuam a despertar interesse e ser publicados,¹⁷ a *Apologia* foi a única incursão dela pelos clássicos e deve ser compreendida como um gesto de boa vontade do editor para com ativistas que estavam na mira da repressão política. É uma tradução de imenso sucesso, tendo sido reeditada por várias casas nas décadas subsequentes. No ano seguinte, 1937, Berenice Xavier (1899-1986), irmã do jornalista e tradutor Lívio Xavier, militante trotskista, publica na mesma coleção a tradução de *As Histórias*, de Tácito. Ao contrário de Lacerda, Xavier foi uma tradutora profícua e reconhecida, especialmente da língua inglesa, sendo a primeira mulher a traduzir Shakespeare no Brasil, *A Megera Domada*, em 1936, também pela Athena – a título de comparação, a primeira tradução brasileira do dramaturgo inglês é de Tristão da Cunha, em 1933. Para ela, há uma entrada no *Dicionário literário de tradutores no Brasil*.¹⁸

A partir da década de quarenta, registram-se traduções de textos patrísticos assinados coletivamente pelas Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Dentre os autores traduzidos estão Atanásio, Ambrósio, Agostinho, Cirilo. Ao que tudo indica, seriam essas as primeiras traduções diretas do grego e do latim feitas por mulheres no Brasil. O Mosteiro de Santa Maria, o primeiro feminino na América do Sul, foi fundado em São Paulo, na região da Av. Paulista, no início do século XX, por Ana Abiah da Silva Prado, pertencente a uma tradicional e abastada família paulistana. Tanto o estudo das Escrituras quanto os trabalhos manuais fazem parte da formação dos beneditinos cujo lema é “*ora et labora*”. Nesse sentido, essas traduções devem ser compreendidas como derivação do *Scriptorium* medieval, em que monges se dedicavam à cópia, exegese e tradução de textos sagrados. O fato de não terem assinatura individualizada pode apontar tanto para o fato de constituírem um trabalho a muitas mãos,

17 Como exemplo, *Amai e não vos multipliqueis* teve nova edição em 2022 (Editora 34).

18 Cf. o verbete sobre ela no Dicionário de Tradutores (www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BereniceBarretoXavier.htm) e o *post* no *blog* da Denise Bottmann, August 12, 2015 (https://www.goodreads.com/author/show/4496221.Denise_Bottmann/blog?page=25). Acesso em: 10 out. 2023.

quanto para o desejo de evitar a exposição e a vaidade oriundas de uma reivindicação dessa ordem.

Não posso deixar de notar que as primeiras traduções dos clássicos por mulheres no Brasil são daquelas que, pela militância política ou pela vida monástica, não estavam submetidas ao jugo da família patriarcal, podendo, dessa forma, dedicar-se a atividades intelectuais que de outra forma seriam malvistas ou tidas por conflitantes com os papéis tradicionais de mãe e esposa. A esse respeito, José de Souza Martins, no livro que dedicou à poeta paulista Francisca Júlia (1871-1920), anota:

A mulher intelectual era considerada uma intrusa, um ser fora do lugar, um descabimento se artista e literata, objeto de deboche, pouco-caso e até mesmo insultos. A documentação de sua biografia contém vários indícios do menosprezo que alcançava a mulher intelectual naquela época [*i.e.*, as primeiras décadas do séc. XX]. (MARTINS, 2022, p. 65)

A poeta, reconhecidamente um talento literário, foi aos poucos sendo posta à margem, aconselhada pelos críticos a “abandonar a poesia, para a qual, decididamente, não tinha nenhum jeito, e retomar as tarefas que lhe cumpriam, como os trabalhos de agulha, mais próximos, por certo, do seu sexo” (MARTINS, 2022, p. 88). E foi o que aconteceu, quando, vencida pela hostilidade e pela falta de recursos, já que não pertencia à elite econômica, casou-se com um ferroviário sem instrução, incapaz de apreciar seus versos, vindo a se suicidar precocemente. Segundo o mesmo autor, não é de se estranhar que outras poetisas paulistas, contemporâneas de Francisca Júlia, como Zalina Rolim (1869-1961) e Cecília Isabel da Silva (1849-1924), tenham abandonado os versos, recolhendo-se “aos limites da condição feminina de então, [...] quando muito, professoras de escola primária” (MARTINS, 2022, p. 31). As tradutoras deviam sofrer o mesmo estigma, o que explica que religiosas, como a irmã Nair Assis de Oliveira

e Madre Maria da Eucaristia Daniellou, além das monjas beneditinas, tenham tido destaque nessa atividade.

As tradutoras que destaco a seguir são as desbravadoras, oriundas dos primeiros cursos de Letras, com formação em Clássicas, mas que pertenciam ainda a um momento de transição. Os cursos de pós-graduação, no formato que conhecemos hoje, datam da década de setenta (o da Universidade de São Paulo, por exemplo, é de 1971) – antes havia cursos de especialização –, de modo que à época de sua implementação os então docentes tiveram que apresentar teses para habilitarem-se à orientação. Algumas das traduções desse período derivam justamente desse propósito. Destaco quatro tradutoras, ativas na década de 1960:

Neyde Ramos de Assis, professora da PUC/SP, nos anos 1950, tradutora de Homero, Virgílio, Horácio e Marcial, em prosa, sendo os épicos publicados em parceria com G. D. Leoni pela Atena Editora;

Ruth Guimarães (1920-2014), formada em Filosofia e Letras Clássicas pela USP, escritora, com destaque para o romance *Água Funda* (1946), folclorista (*Os Filhos do Medo*, 1950, entre outros), jornalista, professora, escreveu um *Dicionário de Mitologia Grega* (São Paulo: Editora Cultrix, 1972) e traduziu *O asno de ouro*, de Apuleio (1963, mas com sucessivas reedições, atualmente pela Editora 34, 2020);

Gilda Reale Starzynski (1922-2003), formada em Letras Clássicas e professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP entre 1942 e 1952 – transferiu-se depois para a Faculdade de Educação –: sua tese sobre *As Nuvens*, de Aristófanes, defendida em 1963, foi publicada em seguida, bem no modelo das dissertações “estudo e tradução” que passaram a vigorar no PPG Letras Clássicas da USP (São Paulo: Difel, 1967);

Aida Costa, formada em Letras Clássicas e professora titular de latim no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP e de língua portuguesa no ginásio, para o qual produziu diversos livros

de caráter paradidático, publicou em 1967 a tradução da *Aulularia*, ou *A Comédia da Panelinha*, de Plauto (São Paulo: Difel, 1967), também precedida por um estudo introdutório.

Essas mulheres abriram caminhos que foram explorados pelas gerações futuras, a das doutoras propriamente ditas, que produziram seus trabalhos majoritariamente no âmbito dos cursos universitários em que foram/são pesquisadoras e docentes, formando o maior contingente de nossa amostra (ao menos 38 das relacionadas foram/são docentes ou egressas da Universidade de São Paulo, um número expressivo, isso para não mencionar as oriundas das demais Instituições de ensino). Com elas, a cada década, constata-se o crescimento da atividade tradutória feminina, que está cada vez mais presente no mercado editorial.

Por fim, gostaria de mencionar algumas experiências tradutórias que se destacam por apresentar uma proposta diferente e pessoal. Começo pela tradução para o “cearensês”, que Ana Maria César Pompeu, docente da Universidade Federal do Ceará, propôs para *Acarnenses*, de Aristófanes, em *Dioniso Matuto* (2014). É interessante, na medida em que, ao dotar de sotaque o herói aristofânico, aproxima o texto clássico dos falares e falantes regionais, dessacralizando-o, e revela ao resto do país a sua diversidade em termos de variações linguísticas e costumes. Também Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, docente da Universidade Federal de Minas Gerais, vem conduzindo uma espécie de laboratório centrado na tradução coletiva da tragédia grega com vistas à performance. Denominando-se “diretora de tradução”, Virgínia coordena um grupo de estudantes de grego, tradução, atores, intitulado Trupersa (Trupe de tradução e encenação de teatro antigo), buscando “oferecer para os leitores o que chamamos de ‘tradução brasileira coletiva funcional e cênica’ de teatro grego clássico” (BARBOSA, 2015, p. 13) – vale anotar que Ana Maria César Pompeu também enveredou pela tradução coletiva coordenando uma versão de *Cavaleiros*, de Aristófanes (2017).

Antes de concluir, não poderia deixar de mencionar a reedição do *Dicionário Grego-Português* (MALHADAS *et al.*: 2022),¹⁹ editado por Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti, Maria Helena de Moura Neves, em que se destaca a presença feminina, não só na coordenação, mas também na composição dos verbetes, em que as mulheres são maioria – eu mesma me orgulho de estar entre as colaboradoras. Não se trata de uma obra traduzida, embora, em sua origem, tenha tomado por parâmetro os verbetes dos dicionários francês-grego, mas constitui uma ferramenta importante para quem pretende traduzir a partir do grego antigo.

Esse levantamento está longe de ser exaustivo, mas é um começo e um convite para novos desenvolvimentos que lancem luz sobre a contribuição das mulheres para os estudos clássicos brasileiros. A ideia é lançar o fio de Ariadne para que, com ele, seja possível nos orientarmos nos labirintos da desmemória, dando assim início a um projeto mais ambicioso, o de se escrever a história da tradução dos clássicos no Brasil.

Referências

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX. Seminário Internacional Fazendo Gênero; 11. Women's Worlds Congress, 13, 2017, Florianópolis. *Anais Eletrônicos*. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em. Acesso em: 10 out. 2023 http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499475403_ARQUIVO_ArtigoFazendoGenero.pdf. Acesso em 10 out. 2023.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Prefácio. in: Eurípides. *Electra* [Texto Grego]. Trad. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa et al. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

19 A primeira edição, em cinco fascículos, foi publicada pela Ateliê Editorial entre os anos 2006 e 2010.

BOTTMANN, Denise. Uma vinheta. *Traduzires*, v. 1, n. 2, p. 31–36, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/20803> Acesso em 30 jan. 2023.

DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. *Translatio: Revista do Núcleo de Tradução Olga Fedossejeva*, n. 12, p. 43–62, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/69211> Acesso em 30 jan. 2023.

FERNANDES, Thais. *A literatura latina no Brasil: uma história de traduções*. 2017. 205 f. Tese (doutorado em estudos da tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187085>. Acesso em 30 jan. 2023.

GONÇALVES, Willamy Fernandes. Contribuição para a história da tradução dos clássicos gregos e latinos no Brasil: traduções de literatura clássica em coleções populares no séc. XX, *Translatio: Revista do Núcleo de Tradução Olga Fedossejeva*, n. 18, p. 31–62, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/88153>. Acesso em 30 jan. 2023.

MALHADAS, D. *et al. Dicionário Grego-Português*. 2ª edição, revista. Cotia: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra: Mnema, 2022.

MARTINS, José de Souza. *As duas mortes de Francisca Júlia*. A Semana antes da Semana. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

RODRIGUES, Maria Inês Tondello. *Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul: memórias, representação e narrativas (1960-1967)*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1085>. Acesso em 30 jan. 2023.

TUFFANI, Eduardo. *Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)*. Cotia: Íbis, 1996.

TUFFANI, Eduardo. Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996). Apresentação de Zélia de Almeida Cardoso, reprodução acompanhada de um artigo com correções para o panorama histórico. Rio de Janeiro: [s.n.], 2018.

TUFFANI, Eduardo. Homero e Platão (I), *Calíope*: Presença Clássica, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 32, p. 24-51, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/12256> Acesso em 30 jan. 2023.

TUFFANI, Eduardo. Elementos para um catálogo brasileiro de literatura grega (1837-2016): versão preliminar, 2023.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANEXO I: Catálogo das obras greco-latinas traduzidas por mulheres

Grego:

[ANTOLOGIA] PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Maria Lacerda de Moura. 6ª ed. *O banquete*. PLOTINO. *Do amor*. Trad. Albertino Pinheiro. 3ª ed. São Paulo: Atena, 1956.

ANTOLOGIA *de poetas gregos de Homero a Píndaro*. Trad. Daisi Malhadas, Maria Helena de Moura Neves. [Araraquara]: Unesp, 1976.

[ANTOLOGIA] PLATÃO; XENOFONTE. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates*. Trad. Líbero Rangel de Andrade. ARISTÓFANES. *As nuvens*. Trad. Gilda Maria Reale Starzynski. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

[ANTOLOGIA] PLATÃO; XENOFONTE. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates*. Trad. Líbero Rangel de Andrade. ARISTÓFANES. *As nuvens*. Trad. Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

[ANTOLOGIA] POESIA grega antiga. [Texto grego.] Trad. Celina Figueiredo Lage. São Paulo: Cone Sul, 1998.

[ANTOLOGIA] PLATÃO. *Carta aos amigos*. CÍCERO. *Lélio ou A amizade*. Trad. Renata Maria Pereira Cordeiro. PLUTARCO. *Amigos & inimigos, Sobre a maneira de distinguir o adulator do amigo*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Landy, 2009.

ANTOLOGIA *bucólica*: Teócrito de Siracusa, [Idílio VI], trad. Fabricio Possebon; [Epigrama II], trad. Rodrigo José Rocha de Andrade e Costa; [Epigrama XVIII], trad. F.P.; Mosco de Siracusa, [Europa], trad. F.P.; Bión de Esmirna, [Epitáfio de Adônis], trad. F.P.; Símiás de Rodas, [Asas do Amor], trad. F.P.; [Tito] Calpúrnio Sículo, [Bucólica III], trad. Leyla Thays Brito da Silva; [Marco] Aurélio [Olímpio] Nemesiano, [Écloga IV], trad. Helena Tavares de Melo Viana; Henrique Caiado, [Écloga nona], trad. F.P. [Texto grego.] [Texto latino.] João Pessoa: UFPB, Zarinha Centro de Cultura, 2007.

ANTOLOGIA *de poetas gregos e latinos*. [Texto grego.] [Texto latino.] Trad. Alice da Silva Cunha *et al.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

[ANTOLOGIA] BRUNHARA, R.; RAGUSA, G. *Elegia Grega arcaica*: uma antologia. Tradução e comentários Giuliana Ragusa e Rafael Brunhara. Cotia: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra: Mnema, 2021.

[ANTOLOGIA] *LIRA grega*: antologia de poesia arcaica: [Álcman, Alceu, Safo, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquíledes, Píndaro]. 2ª ed. 2021. Trad. Giuliana Ragusa. São Paulo: Hedra, 2013.

[ANTOLOGIA] OS PRÉ-SOCRÁTICOS: [Anaximandro de Mileto,

Anaxímenes de Mileto, Xenófanes de Colofão, Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eléia, Zenão de Eléia, Melisso de Samos, Empédocles de Agrigento, Filolau de Crotona, Arquitas de Tarento, Anaxágoras de Clazômenas, Leucipo de Mileto, Demócrito de Abdera]. Trad. José Cavalcante de Souza *et al.* Ver Anaxágoras de Clazômenas, “Fragmentos” [1-22 (+ 1 - 1)], trad. Maria Conceição Martins Cavalcante, em coletânea 40. Ver Arquitas de Tarento, “Fragmentos” [1-4], trad. Isis Lana Borges, em coletânea 40. Ver Demócrito de Abdera, “Fragmentos” [1-297 (+ 66 - 3 = 360)], trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado, em coletânea 40.). 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

APOLODORO. *Contra Neera*: [Demóstenes] 59. 2. ed. Trad. Glória Braga Onelley. Notas de Ana Lúcia Curado. São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.

ARISTÓFANES. *As nuvens*. Trad. Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Difel, 1967.

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Trad. Millôr Fernandes. *As nuvens*. Trad. Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Trad. Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Cone Sul, 1998.

ARISTÓFANES. *As aves*. [Texto grego.] Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Hucitec, 2000.

ARISTÓFANES. *Duas comédias: Lisístrata, As tesmoforiantes*. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Trad. Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Hedra, 2012.

ARISTÓFANES. *Dioniso Matuto*. Uma abordagem antropológica do cômico na tradução de *Acarnenses* de Aristófanes para o cearensês.

Curitiba: Appris, 2014.

ARISTÓFANES. *Tesmoforiantes* [ou *Demetercoreantes*]. Trad. Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Via Leitura, 2015.

ARISTÓFANES. *Cavaleiros*. Ana Maria César Pompeu & CIA. Fortaleza: Substância, 2017.

ARISTÓFANES. *Paz*. Trad., introdução e notas Greice Drumond. Curitiba: Appris, 2020.

ARISTÓFANES. Trad. Karen Amaral Sacconi. *Fragmentos de Aristófanes*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

ARISTÓTELES: *Retórica das paixões*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. *De anima*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012; [1ª ed. 2006].

ARISTÓTELES. *Da arte poética*. [Texto grego.] Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

ARQUÍLOCO. [Fragmentos, passim.] [Texto grego.] 1ª ed. 1998. Trad. P. da C.C. In: CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2009.

ATANÁSIO. *A virgindade*. Trad. monjas beneditinas Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Vozes, 1955. [Reeditado: Petrópolis: Vozes, 1980].

BASÍLIO DE CESARÉIA. *Homilia sobre [a palavra do evangelho segundo] Lucas 12, [16-21]*. Trad. Roque Frangiotti. *Homílias sobre a origem do homem, Tratado sobre o Espírito Santo*. Trad. monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BASÍLIO MAGNO. *As regras monásticas*: [A regra mais extensa, As regras menos extensas]. Trad. Hildegardis Pasch, Helena Nagen Assad. Petrópolis: Vozes, 1983.

CALÍMACO. Trad. Erika Werner. *Os Hinos de Calímaco*. Poesia e Poética. São Paulo: Humanitas, 2012.

CÁRITON de AFRODÍSIAS. *Quéreas e Calírroe*. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2020.

CARTA A DIOGNETO. Trad. Monjas Beneditinas Abadia de Santa Maria. Notas: Fernando Figueiredo. Petrópolis: Vozes, 1976.

CIRILO, BISPO DE JERUSALÉM. *Catequese mistagógica ou Iniciação nos sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia*. Trad. monjas beneditinas Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1960.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Exortação aos gregos*. [Texto grego.] Trad. Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: É Realizações, 2013.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *O pedagogo*. Trad. Iara Faria, José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Campinas: Ecclesiae, 2014.

DEMÓSTENES. *As três Filípicas*, Oração sobre as questões da Quersoneso. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EPICURO. *Cartas & Máximas Principais*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2021.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ESOPO. *Fábulas*. Tradução e notas de Clara Crepaldi. São Paulo: Martin Claret, 2017.

ESOPO. O Romance de Esopo, apresentação e tradução por A. S. Duarte.

In: *Fábulas seguidas de Romance de Esopo*. Tradução e apresentação André Malta e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017.

ESOPO. Duarte, A. S. (org.) *Vidas de Esopo. O romance de Esopo em traduções e ensaios*. Tradução de Pedro Ipiranga Junior [recensão W] e Adriane da Silva Duarte [recensão G]. São Paulo: Humanitas, 2018.

ÉSQUILO. *Oréstia*: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides. Trad. Maria da Eucaristia Daniellou. [Rio de Janeiro]: USU, 1975.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Trad. Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves. [Araraquara]: Unesp, 1977.

EURÍPIDES. *Hipólito*. Trad. Maria da Eucaristia Daniellou. Rio de Janeiro: USU, 1977.

EURÍPIDES. *Medéia, Ifigênia em Áulis*. Trad. Maria da Eucaristia Daniellou. Rio de Janeiro: USU, 1985.

EURÍPIDES. *Héacles*. [Texto grego.] Trad. Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Athena, 2003.

EURÍPIDES. *Medeia*. [Texto grego.] Trad. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa *et al.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

EURÍPIDES. *Reso*. Trad. L. A. Sais. In: SAIS, Lilian Amadei. *Reso, de Eurípides, e a astúcia*. São Paulo: USP, Humanitas, 2014.

EURÍPIDES. *Electra*. [Texto grego.] Trad. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa *et al.* Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

EURÍPIDES. *Orestes*. [Texto grego.] Trad. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa *et al.* Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

EURÍPIDES. *Alceste, Heraclidas, Hipólito*. Tradução, introdução e notas de Clara Crepaldi. São Paulo: Martin Claret, 2018.

EURÍPIDES. *Electra, Orestes*. Tradução, introdução e notas de Karen

Sacconi. São Paulo: Martin Claret, 2022.

EURÍPIDES. *Hécuba*. Tradução e estudo crítico. Trad. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa *et al.* Cotia: Ateliê Editorial, 2022.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. Trad. Lucy Iamakami, Luís Aron de Macedo. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. Trad. monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. Notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2000.

FÍLON DE ALEXANDRIA. *Da criação do Mundo [segundo Moisés], outros escritos, [Da incorruptibilidade do Mundo, Da imutabilidade de Deus, Da providência]*. Trad. Luíza Monteiro Dutra. Notas de L. M. D., Carlos Nougé. São Paulo: Filocalia, 2015.

FILÓSTRATO, O VELHO. *Amores e outras imagens*. Trad. Rosângela S. de Souza Amato. São Paulo: Hedra, 2012.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. *Discursos teológicos [XXVII-XXXI]*. Trad. monjas da Abadia de Nossa Senhora das Graças. Petrópolis: Vozes, 1984.

HERÓDOTO. *Histórias*. Livro I. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

HERÓDOTO. *Histórias*. Livro II: Euterpe. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

HERÓDOTO. *Histórias*. Livro III: Talia. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2017.

HERÓDOTO. *Histórias*. Livro IV: Melpomene. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

HERÓDOTO. *Histórias*. Livro V: Terpsícore. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

HESÍODO. *Os trabalhos e os Dias*. Tradução (1ª parte), introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990. [Reeditado em 2008.]

HESÍODO. *Teogonia*. [Texto grego.] Trad. Ana Lúcia Silveira Cerqueira, Maria Therezinha Arêas Lyra. 3ª ed. Niterói: UFF, 2009.

HESÍODO. *Teogonia, Trabalhos e dias*. Trad. Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010.

HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Tradução e comentários Glória Braga Onelley; Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2021.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. G. D. Leoni e Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Atena, 1960.

HINO a Deméter [II]. Trad. Daisi Malhadas. In: MALHADAS, Daisi; CARVALHO, Silvia M. S. de. *O hino a Deméter e os mistérios eleusinos*. [Araraquara]: Unesp, 1978.

[HINOS HOMÉRICOS] RIBEIRO JR, W. A. (ed.). *Hinos Homéricos*. Tradução, notas e estudo. Edvanda Bonavina da Rosa, Fernando Brandão dos Santos, Flávia Regina Marquetti, Maria Celeste Consolin Dezotti, Maria Lúcia Gili Massi, Sílvia Maria Schmuziger de Carvalho (só comentários), Wilson Alves Ribeiro JR. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

[HINOS HOMÉRICOS] *Engenhos da Sedução*. O Hino Homérico a Afrodite em quatro ensaios e uma tradução. Trad. Mary Camargo Neves Lafer. Cotia/Araçoiaba da Serra: Ateliê/Mnema, 2022.

HIPÓCRATES. *Aforismos, antologia*, [O juramento, A lei]. Trad. José Dias de Moraes. [Discurso que visa legitimar o exercício da medicina.] Trad. Dunia Marinho Silva. Notas de Jean Salem. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar*: O juramento, outros textos. Trad. Dunia Marinho Silva. Notas de Jean Salem. São Paulo: Landy, 2002.

JOÃO CRISÓSTOMO. *As bem-aventuranças*: Homilia XV sôbre o evangelho de S. Mateus. Trad. Monjas Beneditinas Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1957.

JOÃO CRISÓSTOMO. *Da incompreensibilidade de Deus, Da providência de Deus, Cartas a Olímpia*. Trad. Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO CRISÓSTOMO. *Comentário às cartas de São Paulo*: Homilias sobre a carta aos romanos, Comentários sobre a carta aos gálatas, Homilias sobre a carta aos efésios. Trad. Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2010. v. 1.

JOÃO CRISÓSTOMO. *Comentário às cartas de São Paulo*: Homilias sobre a primeira carta aos coríntios, Homilias sobre a segunda carta aos coríntios. Trad. Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2010. v. 2.

LONGINO. *Do Sublime*. Trad. Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LONGO. *Dáfnis e Cloé*. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1990.

LUCIANO. *Diálogo dos Mortos*. Tradução e Notas de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Hucitec, 1996.

LUCIANO. *Biografia literária: [Sobre o sonho ou Vida de Luciano]*, trad. Jacyntho Lins Brandão; *[Epigrama 52]*, trad. J. L. B.; *[Carta a Nigrino]*, trad. Pedro Ipiranga Júnior; *[Zêuxis ou Antíoco]*, trad. J. L. B.; *[Ao que disse: você é um Prometeu em seus discursos]*, trad. J. L. B.; *[Assalariados]*, trad. J. L. B.; *[Sobre o fim de Peregrino]*, trad. Douglas Cristiano da Silva; *[Alexandre ou O falso profeta]*, trad. Daniel Gomes Bretãs; *[Vida de Demônax]*, trad. Olimar Flores Júnior; *[Das narrativas verdadeiras]*, trad. Lúcia Sano; *[Apologia]*, trad. J. L. B.; *[Héacles]*, trad. Flávia Freitas Moreira; *[Dioniso]*, trad. J. L. B. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MARCO AURÉLIO. *Pensamentos*. Trad. Haydée Paraguassú. Ilustração de Tarsila do Amaral. São Paulo: Cultura, 1942.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Trad. Lucia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

NILO. *Tratado sobre a oração*. Trad. monjas beneditinas Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Vozes, 1955.

[FRAGMENTOS] ÓRFICOS. Trad. Gabriela Gazzinelli. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

PÍNDARO. *Odes aos príncipes da Sicília*. Trad. Daisi Malhadas, Maria Helena de Moura Neves, Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza. [Araraquara]: Unesp, 1976.

PÍNDARO. *As odes olímpicas*. [Texto grego.] Trad. Glória Braga Onelley, Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Atena, 1936. [Reedições: PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro: Ediouro, [s. d.]; PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Escala Educacional, [s. d.]; PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Saraiva, 2011.]

PLATÃO. *A República*: livro VII. Trad. Elza Moreira Marcelina. Notas de Bernard Piètre, E. M. M. Brasília: UnB; São Paulo: Ática, 1989.

PLATÃO. *A República*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado.; 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014; [1ª ed. 2006].

PLATÃO. *Eutidemo*. [Texto grego.] Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2011.

PLATÃO. *Parmênides*. [Texto grego.] Trad. Maura Iglésias, Fernando Rodrigues. 4ª ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2013.

PLATÃO. *Mênnon*. [Texto grego.] Trad. Maura Iglésias. 7ª ed. Rio de Janeiro: PUCRio; São Paulo: Loyola, 2012.

PLATÃO. *Mênnon*. [Texto grego.] Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. [Texto grego.] Trad. Sueli Maria de Regino. *O banquete*. [Texto grego.] Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2016.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2016.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução e notas de Irley F. Franco e JAA Torrano. São Paulo: Ed. Loyola; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021.

PLOTINO. *A alma, a beleza e a contemplação*: [A dialética, A essência da alma I, A essência da alma II, Dificuldades relativas à alma III, Sobre o belo, A natureza, a contemplação e o Um, De que maneira o posterior ao primeiro ser deriva dele e Reflexões sobre o Um, O que sobrepassa o ser não pensa, O bem ou o Um]. Trad. Ivan Barbosa Rigolin, Consuelo Colinvaux. Notas de Ismael Quiles. São Paulo: Palas Athena, 1981.

PLOTINO. *Do Amor*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

PLUTARCO. *Os mistérios de Ísis e Osíris*. Trad. Lúcia Benfatti, Sérgio Marques. Notas de Mário Meunier. São Paulo: Nova Acrópole do Brasil, 1981.

PLUTARCO. *Como tirar proveito dos seus inimigos*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Scrinium, 1997

PLUTARCO. *Sobre a tagarelice, outros textos, [Sobre a demora da justiça*

divina, Das doenças da alma e do corpo]. Trad. Mariana Nunes Ribeiro Echalar. São Paulo: Landy, 2008.

PLUTARCO. *Como distinguir o amigo do bajulador*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Alexandre e César*. Trad. Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2011.

PLUTARCO. *Da Malícia de Heródoto*. Estudo, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edusp, 2013.

PLUTARCO. *Diálogo do amor*. Edição bilingue. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2015.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

PLUTARCO. *Do amor aos filhos*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

PLUTARCO. *Da educação das crianças*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

PLUTARCO. *Da abundância de amigos*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

PLUTARCO. *Epítome da comparação de Aristófanes e Menandro*. Introdução Pompeu, Ana Maria César; Silva, Maria Aparecida de Oliveira; Silva, Maria de Fátima. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2017.

PLUTARCO. *Como tirar proveito dos seus inimigos*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. 2ª ed. São Paulo: Edipro, 2019 [1ª ed. 2015].

PLUTARCO. *Do amor fraterno*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

PLUTARCO. *Preceitos conjugais*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

SAFO. Safo de Lesbos. *Hino a Afrodite e outros poemas*. Organização e tradução por G. Ragusa. São Paulo: Hedra, 2021. [1ª ed. 2011].

SÓFOCLES. *Electra*. Trad. Maria da Eucaristia Daniellou. [Rio de Janeiro]: USU, 1975.

SÓFOCLES. *Incultas, os sátiros rastreadores*. Tradução de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

SÓFOCLES. *Antígona*. [Texto grego.] Trad. Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2015.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Trad. Ordep Serra. *Antígona*. Trad. Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2016.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução Lilian Sais. São Paulo: Unipro, 2018.

SÓLON. Trad. Gilda Naécia Maciel de Barros. *Sólón de Atenas*. A Cidadania Antiga. Com texto original dos poemas e a tradução. São Paulo: Humanitas, 1999. [Reedição digital e aberta em 2020. Disponível em <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/455/410/1601>]. Acesso em 30 jan. 2023.

TEOFRASO. *Os Caracteres*. Tradução e comentários de Daisi Malhadas e Haiganhuch Sarian. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária/USP, 1978.

TEOFRASO. *Os caracteres morais*. Trad. Marisa Ferreira Aderaldo. Nota de M. F. A. Comentários de Oscar d'Alva e Souza Filho. 2ª ed. Rio de Janeiro: ABC Editora, 2009.

THEOGNIDEA. Trad. Glória Braga Onelley. In: ONELLEY, Glória Braga. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: UFF; Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XENOFONTE. *Econômico*. Tradução e introdução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XENOFONTE. *Ciropédia*. Tradução e introdução de Lucia Sano. São Paulo: Fósforo, 2021.

Latim:

[ANTOLOGIA]. NOVAK, Maria da Gloria; NERI, Maria Luiza (Org.). *Poesia lírica latina*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [Com traduções de Zelia de Almeida Cardoso, Maria da Gloria Novak, Anna Lia A. de Almeida Prado, Ruth Junqueira de Faria, Álice Cunio Machado Fonseca].

[ANTOLOGIA]. NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória; PETERLINI, Arioaldo Augusto (org.). *Historiadores latinos: antologia bilíngue*. Tradução: Arioaldo Augusto Peterlini, Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [s. d.]. Reedições: Martins Fontes, 1999.

AGOSTINHO, Santo. *Sermões de Natal e Epifania*. Migne P. L., Tradução das Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulinas, 1960.

AGOSTINHO, Santo. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Tradução do original latino e notas por Maria da Glória Novak. Introdução do Pe. Hugo de V. Paiva. Prefácio de Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 2021 [1ª ed. 1973].

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante.

Revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulinas, 1984. [Reeditada em 1986, 1987, 1991 e pela Paulus em 1997 e 2002].

AGOSTINHO, Santo. *Cartas a Proba e a Juliana*: direção espiritual. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *Dos bens do matrimônio*. Trad. Vicente Rabanal. *A santa virgindade. Dos bens da viuvez*: Cartas a Proba e a Juliana. Trad. Nair de Assis Oliveira. Introdução e notas complementares de Roque Frangiotti e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2000.

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. Trad. Nair de Assis Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. Tradução do original latino *De vera religione*, confrontado com versões em espanhol e francês: Nair de Assis Oliveira. *O cuidado devido aos mortos*. Tradução do original latino *De cura pro mortuis gerenda*, cotejada com a edição francesa de Nair de Assis Oliveira. Notas de Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. *Comentário da primeira epístola de São João*. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1989.

AGOSTINHO, Santo. *O cuidado devido aos mortos*: De cura pro mortuis gerenda. Introdução, notas e organização geral por Nair de Assis Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1990. [Reedição Paulus 2002].

AGOSTINHO, Santo. *A virgindade consagrada*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1990.

AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1991.

AGOSTINHO, Santo. *O Sermão da montanha*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1992.

AGOSTINHO, Santo. *Agostinho do dia a dia*: breves meditações diárias tomadas dos escritos de Agostinho. Trad. Iara Kastrup Schlaepfer e Gilberto Figueiredo Martins. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios*. Tradução, organização, introdução e notas: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.

AGOSTINHO, Santo. *A vida feliz*: diálogo filosófico. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.

AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios*. Tradução, introdução e notas de Adauri Fiorotti. *A vida feliz*. Tradução: Nair de Assis Oliveira. Introdução, notas e bibliografia: Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. Tradução, organização, introdução e notas: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução do original latino e introdução: Augustino Belmonte. Revisão e notas complementares de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos salmos*: salmos 101-150. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. *O De excidio urbis* e outros sermões sobre a queda de Roma. Tradução: Carlota Miranda Urbano. São Paulo: Annablume, 2012.

AMBRÓSIO, Sto. *O esplendor do lírio*: três livros sobre a virgindade. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Vozes, 1945.

AMBRÓSIO, Santo. *Três livros sobre a virgindade*. Trad. Monjas Beneditinas. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1955.

AMBRÓSIO, Santo. *Os mistérios*: explicação do simbolismo da iniciação

cristã. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1957.

AMBRÓSIO, Santo. *A virgindade*. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Introdução, revisão e notas de Hugo D. Baggio. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMBRÓSIO, Santo. *Explicação do símbolo; Sobre os sacramentos; Sobre os mistérios; Sobre a penitência*. Trad. Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, 1996.

AMBRÓSIO de Milão. *Examerão: os seis dias da criação*. Trad. Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, [19--].

APULEIO, Lúcio. *O asno de ouro*. Introdução, notas e tradução direta do latim de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963 [2ª ed. Editora 34, 2019, reeditado 2020].

APULEIO. *As Metamorfoses de um Burro de Ouro de Apuleio*. Trad. Sandra Braga Bianchet. Curitiba: Appris, 2020.

CÍCERO. *Sobre o destino*. Trad. Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

CÍCERO. *Dos deveres*. Trad. Angélica Chiappetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CÍCERO. *Retórica a Herenio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria; Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CIPRIANO, São. *A conduta das virgens*. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1960.

EGÉRIA. *Peregrinação, liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

FEDRO. *Fábulas latinas - Fedro e Aviano*. Trad. Ana Thereza Basilio Vieira. Rio de Janeiro: PPGLC/UFRJ, 2015.

GAIUS. *Institutas do jurisconsulto Gaio*. Trad. J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. 230 p. (Textos Fundamentais, 9.)

HORÁCIO. *Poesia velha e nova: a epístola a César Augusto: II, 1*. Trad. Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Nobel, [s. d.].

HORÁCIO. *Epodos, Odes e Epístolas*. Escolhidos, traduzidos e anotados por Neyde Ramos de Assis. *Quaderni della rassegna brasiliana di studi italiani*. São Paulo: 1963.

HORÁCIO. *O carme secular e os jogos seculares em Roma*. Edição bilingue. Trad. Maria Luiza Roque. Brasília: Thesaurus, 2002.

INSTITUTAS do imperador Justiniano: manual didático para uso dos estudantes de direito de Constantinopla, elaborado por ordem do imperador Justiniano, no ano de 533 d.C. Trad. J. Cretella Jr. e Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

JERÔNIMO. *Apologia contra os livros de Rufino*. Trad. Luís Carlos Lima Carpinetti e Luciana Gomes de Mello. São Paulo: Paulus, 2013.

LEÃO MAGNO. *Sermões*. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1974.

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre o Natal e a Epifania*. Trad. Maria Teixeira de Lima. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre as coletas, a Quaresma e o jejum de Pentecostes*. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

LEÃO MAGNO. *Sermões sobre os santos, jejuns e ordenação episcopal*. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

MANÍLIO, Marcus. *Os astrológicos ou A ciência sagrada do céu*. Trad. Maria Antonia da Costa Lobo. Rio: Artenova, 1974.

MARCIAL. *Cem epigramas*. Escolhidos e traduzidos por G. D. Leoni e Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Nobel, 1958.

OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução e prólogo de Corah O. Roland. São Paulo: Paulista, 1935.

OVÍDIO Nasão, Públio. *Arte de amar: Ars amatoria*. Tradução de Natália Correia e David Mourão-Ferreira. Apêndice com a tradução erudita de Antônio Feliciano de Castilho. Edição bilingue latim-português. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

OVÍDIO. *A arte de Amar. Os remédios do amor. Os produtos de beleza para o rosto da mulher*. Tradução Dunia Marinho Silva. Poro Alegre: L&PM, 2001.

OVÍDIO. *Cartas de amor: as Heróides*. Tradução de Dunia Marinho Silva. Prefácio e notas: Jean-Pierre Néraudau. São Paulo: Landy, 2003.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução: Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

OVÍDIO. *Primeiro Livro dos Amores*. Trad. Lucy Ana de Bem. São Paulo: Hedra, 2010.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PLAUTO. *Aulularia: A comédia da panelinha*. Tradução, introdução e notas da Profa. Aída Costa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

PLAUTO. *Estico*. Introdução, tradução e notas de Isabella Tardin Cardoso. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

PLAUTO. *Cásina*. Introdução, tradução e notas de Carol Martins da Rocha. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

PLAUTO. *Anfitrião*. Introdução, tradução e notas de Lilian Nunes da

Costa. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. Trad. Monjas beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.

SÊNECA. *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren Petrópolis: Vozes, 1990. p. 7-76.

SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Trad. Cleonice Furtado de Mendonça van Raij. Apresentação de Joaquim Brasil Fontes. Campinas: Pontes, 1992.

SÊNECA. *As Troianas*. Trad. Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.

SÊNECA. *Aprendendo a viver*. [Cartas a Lucílio.] Apresentação: Regina Schöpke. Trad. Carlos Nougué, João Carlos Cabral Mendonça, Mariana Sérvulo da Cunha, William Li. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SÊNECA. *As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. [Cartas a Lucílio.] Trad. Renata Maria Pereira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2002.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SÊNECA. *Fedra*. Trad. Fernanda Messeder Moura; Daniel Peluci Carrara. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

SÊNECA. *Aprendendo a viver*. Trad. Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Trad. Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SÊNECA. *Da felicidade*. Trad. Ellen Itanajara Neves Vranas e Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SÊNECA. *Tragédias. A loucura de Hércules, As troianas, As fenícias*.

Tradução, apresentação e notas por Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SÊNECA. *Edificar-se para a morte (Das Cartas morais a Lucílio)*. Trad. Renata Cazarini de Freitas. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida & Sobre o ócio*: Diálogos estoicos sobre o tempo. Trad. Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis: Vozes, 2021.

[PSEUDO-]SÊNECA. *Otávia*. Introdução, tradução e notas de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Madamu, 2021.

TÁCITO. *As Histórias*. Trad. Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Trad. Júlia Batista de Castilho e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TITO LÍVIO. *História de Roma*: Livro I: A monarquia. Trad. Mônica Costa Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

VERGÍLIO. *Eneida*. Estudo introdutivo, glossário mitológico e tradução em prosa de G. D. Leoni e Neyde Ramos de Assis. São Paulo: Atena, 1966.

VIRGÍLIO. *O IV canto das Geórgicas*. Trad. Elaine Cristina Prado dos Santos. São Paulo: Scortecci, 2007.

ANEXO II: Lista de Tradutoras (* para quem contribuiu apenas em antologia):

Grego [66, desde 1936]

Adriane da Silva Duarte

Alice da Silva Cunha

Ana Lúcia Silveira Cerqueira

Ana Maria César Pompeu

Anna Lia Amaral de Almeida Prado

Clara Crepaldi

Célia Gambini
Celina Figueiredo Lage
Consuelo Colinvaux
Cristina Rodrigues Franciscato
Daisi Malhadas
Denise Bottmann
Dunia Marinho Silva
Edvanda Bonavina da Rosa*
Elza Moreira Marcelina
Erika Werner
Filomena Hirata
Flavia Freitas Moreira*
Flávia Regina Marquetti*
Gabriela Gazzinelli
Gilda Maria Reale Starzynski
Gilda Naécia Maciel de Barros
Giuliana Ragusa
Glória Braga Onelley
Greice Drumond
Haydée Paraguassú
Haiganuch Sarian
Helena Nagen Assad
Helena Tavares de Melo Viana*
Hildegardis Pasch
Iara Faria
Irley Franco
Isis Borges B. da Fonseca
Júlia da Rosa Simões
Karen Sacconi
Leyla Thays Brito da Silva*
Lilian Amadei Sais
Lúcia Benfatti
Lucia Miguel Pereira
Lucia Sano
Lucy Iamakami
Luiza Monteiro Dutra
Maria Aparecida de Oliveira

Maria Cecília Gomes dos Reis
Maria Celeste Consolin Dezotti
Maria Conceição Martins Cavalcante*
Maria da Eucaristia Daniellou
Maria Helena de Moura Neves
Maria Lacerda de Moura
Maria Lúcia Gili Massi*
Maria Therezinha Arêas Lyra
Mariana Nunes Ribeiro Echalar
Marisa Gianecchini Gonçalves de Souza
Mary de Camargo Neves Lafer
Maura Iglésias
Monja da Abadia Nossa Senhora da Graça
Monjas Beneditinas Abadia de Santa Maria
Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo
Neide Smolka
Neyde Ramos de Assis
Paula da Cunha Córrea
Rita de Cássia Codá dos Santos
Rosângela S. de Souza Amato
Shirley Peçanha
Sueli Maria de Regino
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa *et* Trupersa

Latim [46, desde 1935]

Adriana Seabra
Agnes Cretella
Aída Costa
Álice Cunio Machado Fonseca*
Ana Alexandra Alves de Sousa
Ana Paula Celestino Faria
Ana Thereza Basílio Vieira
Angélica Chiappetta
Anna Lia A. de Almeida Prado*
Berenice Xavier
Carlota Miranda Urbano

Carol Martins da Rocha
Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva
Cleonice Furtado de Mendonça van Raij
Corah O. Roland
Dunia Marinho Silva
Elaine Cristina Prado dos Santos
Ellen Itanajara Neves Vranas
Fernanda Messeder Moura
Iara Kastrup Schlaepfer
Ingeborg Braren
Isabella Tardin Cardoso
Júlia Batista Castilho de Avellar
Lilian Nunes da Costa
Lúcia Sá Rebello
Luciana Gomes de Mello
Lucy Ana de Bem
Maria Antonia da Costa Lobo
Maria da Glória Novak
Maria Luiza Jardim Amarante
Maria Luiza Neri*
Maria Luiza Roque
Maria Teixeira de Lima
Mariana Sérvulo da Cunha
Mônica Costa Vitorino
Monjas Benedictinas da Abadia de Santa Maria
Nair de Assis Oliveira
Natália Correia
Neyde Ramos de Assis
Renata Cazarini de Freitas
Renata Maria Pereira Cordeiro
Ruth Guimarães
Ruth Junqueira de Faria*
Sandra Braga Bianchet
Vera Lucia Leitão Magyar
Zelia de Almeida Cardoso

The thread of Ariadne: female translators of Classics in Brazil

Abstract: The first translations of the classics in Brazil date back to Colonial times, but versions signed by women are only recorded from the 1930s of the last century. My aim is to present a survey, albeit incipient, of this production to provide an overview of Brazilian women translators of Greek and Latin, thus contributing to bringing greater visibility to an activity that is often relegated to the background. I will focus on the precursors and their working conditions in the thirties and forties; the pioneers, the first generation that emerged from university courses in Classical Literature in the fifties and sixties; and the female PhDs, who are increasingly present in the publishing market today. The idea is to draw the thread of Ariadne so that it will be possible to guide us through the labyrinths of forgetfulness, thereby launching a more ambitious project, that of writing the history of translation of classics in Brazil.

Keywords: Classical Reception. History of Translation. Brazilian Translators. Classical Literatures.